

mundo



Palestinos transportam pessoas feridas após soldados israelenses abrirem fogo contra multidão à espera de ajuda humanitária na Cidade de Gaza. Reuters

Israel atira em multidão em fila por comida; Hamas fala em 112 mortos

Exército afirma ter matado dez sob ameaça; palestinos dizem que 30 mil morreram na guerra

GUERRA ISRAEL-HAMAS
são palestinos. A facção palestina Hamas acusou as Forças de Defesa de Israel de disparar contra centenas de civis que aguardavam em fila para receber ajuda alimentar em uma região próxima à Cidade de Gaza, a principal da faixa homônima, nesta quinta (29).

O grupo terrorista contra o qual Israel está em guerra há quase cinco meses afirmou que 10 mil pessoas morreram e outras 30 ficaram feridas. Em um comunicado, acusou Israel de "uma guerra genocida" e de cometer "assassinatos em massa e uma limpeza étnica".

Porta-voz militares de Israel afirmaram que o episódio de violência partiu dos próprios palestinos. De acordo com as Forças de Defesa, civis começaram a saquear os cerca de 20 caminhões de ajuda e a se empurrar, deixando pessoas feridas e mortas por serem pisoteadas e atropeladas pelos veículos.

Depois, um pequeno grupo teria ido em direção a soldados e a um tanque israelense, que teria sido alvo de advertência e, em seguida, atingido "aqueles que eram uma ameaça e não se afastaram". Segundo a imprensa israelense, as Forças de Defesa dizem que mataram menos de dez palestinos nesse momento, não os 12 apontados pelo Hamas, uma vez que estavam acuada e se vendo sob ameaça.

O diretor do hospital Kamal Abdou disse que a unidade recebeu cerca de cem pessoas feridas à noite, de acordo com o jornal New York Times, contrariando a versão israelense. O hospital também teria recebido 12 mortos baleados.

Um oficial israelense, falando à agência de notícias Reuters em condição de anonimato, disse que os soldados mataram um número desconhecido de palestinos "em uma resposta limitada". Os Estados Unidos, principal aliado de Israel, disseram que o caso é "extremamente alarmante" e que precisa ser investigado. Uma porta-voz do Departamento de Estado disse também que os militares demonstram a necessidade de que Israel permita a entrada de mais auxílio humanitário na Faixa de Gaza. Um porta-voz do governo de Israel disse que o governo de Israel não tem intenção de permitir Binyamin Netanyahu

chamou o episódio de tragédia. "Os caminhões ficaram sobrecarregados, e as pessoas que dirigiam os caminhões, que eram motoristas civis de Gaza, avançaram sobre as multidões, matando, de acordo com o que entendi, dezenas de pessoas", disse Avi Hymann a repórteres.

O episódio teria começado durante a madrugada no horário local, quando cerca de 30 caminhões de ajuda humanitária chegaram ao bairro Rimal, na Cidade de Gaza, para entregar suprimentos. Os militares divulgaram vídeo com imagens aéreas que dizem ser do momento das mortes. Nas cenas, é possível ver centenas de pessoas correndo para o entorno dos caminhões e subindo neles.

As mortes ocorreram em uma área densamente povoada da Faixa de Gaza e cerca de estruturas senegalesas, como campos de refugiados e dois importantes hospitais: o Shifa, que chegou a ser invadido por Israel em novembro, e o Al-Bi Arab, alvo de uma explosão que matou centenas de pessoas no início da guerra.

O Departamento de Estado americano afirmou que os EUA estão "arguamente atrás de informações" sobre o que aconteceu e que estão em contato com as autoridades israelenses. "Se tem algo que as imagens aéreas do incidente deixam claro é que a situação é desesperadora. As pessoas precisam de mais comida, de mais água, de mais remédios e de outros auxílios humanitários, e precisam disso agora", disse o porta-voz Matthew Miller. Ele acrescentou que o número de mortes de civis em Gaza "é alto demais".

Apesar da pressão por mais auxílio humanitário, os EUA não têm mantido o forte apoio a Israel tanto no campo diplomático, barrando três vezes resoluções no Conselho de Segurança da ONU que pediam por um cessar-fogo na região, quanto militar. "O Pentágono informou nesta quinta que entregou cerca de 10 mil munições guiadas de precisão a Israel desde o início do atual conflito.", afirmou o porta-voz.

O presidente Joe Biden disse nesta quinta que as mortes devem complicar as negociações para um cessar-fogo. Anteriormente, o próprio



Multidão ao redor de caminhões de ajuda humanitária em Gaza. Divulgação Forças de Defesa de Israel/AFIP



Fontes: BBC e Google Earth

EUA recuam após citar 25 mil óbitos

O secretário de Defesa dos EUA, Lloyd Austin, afirmou na quinta (29) que mais de 25 mil mulheres e crianças morreram na Faixa de Gaza. Mas a cifra foi corrigida depois pelo Pentágono, que disse não ter confirmação do dado.

"Não podemos verificar de forma independente o número de vítimas em Gaza", afirmou Sabrina Singh, porta-voz do Pentágono, esclarecendo que a cifra se referia ao total de palestinos mortos, não apenas de mulheres e crianças. O dado, segundo ela, vem do Ministério da Saúde de Gaza, controlado pelo Hamas.

Biden havia dito que havia expectativas para uma nova trégua na próxima segunda (4). Agora, diz que esse prazo já não é mais realista dadas as recentes mortes.

Também nesta quinta, o Ministério da Saúde de Gaza disse que condena "o brutal ataque das forças de ocupação israelenses contra palestinos que apenas esperavam ajuda". Já a chancelaria egípcia decretou o ataque como desumano. "Consideramos o ataque a civis que estavam apenas aguardando ajuda um crime vergonhoso e uma violação do direito internacional".

O presidente da Colômbia, Gustavo Petro, anunciou que seu país vai suspender comércio de armas de Israel com resposta às mortes. Em uma publicação no X, Petro afirmou que o que aconteceu "se chama genocídio e lembra o Holocausto, ainda que não agrade às políticas mundiais reconhecidas". Disse ainda que o mundo deve impor sanções ao premiê Benjamin Netanyahu. Jordânia e Egito foram os

Lula diz que Brasil se opõe a ação de Tel Aviv e a atos terroristas

Guilherme Rotacini

espectroscopia O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) disse que é contra a ação de Israel na Faixa de Gaza da mesma forma que é contra o Hamas, nesta quinta-feira (29), em Georgetown, capital da Guiana.

"Todo mundo sabe que o Brasil é contra a Guerra da Ucrânia. Todo mundo sabe que o Brasil é contra o que está acontecendo na Faixa de Gaza, da mesma forma que fomos contra os atos terroristas do Hamas. E todo mundo sabe que o Brasil não quer e não tem contencioso com nenhum país no mundo", afirmou Lula no encerramento de sua agenda na Guiana.

A próxima etapa da viagem é São Vicente e Granadinas, no Caribe, onde Lula confirmou que se encontra com o ditador venezuelano, Nicolás Maduro. Caracas reivindica a região guianense do Essequibo, correspondente a cerca de dois terços da Guiana, e já ameaçou usar a força para tomar o território, incluído no mapa venezuelano por Maduro após referendo aprovado a incorporação da área.

"Nossa integração com a Guiana faz parte da estratégia do Brasil de ajudar não apenas no desenvolvimento, mas trabalhar intensamente para que a gente mantenha a América do Sul como uma zona de paz no planeta. Nós não precisamos de guerra", disse Lula durante declaração ao lado de Ali, em referência indireta à disputa pelo território guianense.

Lula vai à ilha caribenha para participar da cúpula da Celac (Comunidade dos Estados Latino-americanos e do Caribe), onde se reúnem chefes de Estado e chefes de governo das 23 nações do grupo. É lá que ele se encontra com Maduro. O brasileiro afirmou que a reunião bilateral com Irã Ali não discute a questão do Essequibo. O encontro, segundo Lula, foi marcado para discutir desenvolvimento e investimento.

"Mas o presidente Ali sabe, como sabe o presidente Maduro, que o Brasil está disposto a conversar com eles quando for necessário, porque queremos converter as pessoas de que é possível, através de muitos diálogos, encontrar a manutenção da paz", disse.

Da mesma forma que eu não vou discutir com o presidente Maduro essa questão [do Essequibo], porque a reunião não é para isso. Eu vou encontrar com o Maduro lá. Agora que eles quiserem marcar uma reunião e o presidente Ralph [primeiro-ministro de São Vicente e Granadinas, Ralph Gonsálves] quiser marcar, o Brasil estará totalmente à disposição para participar", afirmou Lula.

É um assunto que já tem anos, que já passou pela Justiça, já passou pela ONU, e é um assunto que vai continuar", disse.

Durante o pronunciamento ao lado de Ali, o petista disse que, após o impeachment de Dilma, a relação com a Guiana e com a América do Sul (Comunidade do Caribe) "teve um apogeu".

A ideia da diplomacia no terreno de negociações de embaixadas foi aprofundar relações com a região, a começar pela realce de laços com o Brasil durante o governo de Jair Bolsonaro —casos de São Vicente e Granadinas.